

VILLAÇA, Antônio Carlos. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

**A RIDICULARIZAÇÃO POLÍTICA NA CAMPANHA ELEITORAL DE 2018:
INTERPRETAÇÃO DOS MEMES E DAS FAKE NEWS CONTRA A
CANDIDATURA DO PT**

Matheus Henrique da Silva Alcântara

Alex Alves Campello

RESUMO

O presente artigo se propõe a realizar uma discussão sobre a utilização de zombarias na última eleição de 2018, tendo como ferramenta principal o *Fake News*, ou seja, para ridicularizar a candidatura do Partido dos Trabalhadores, notadamente em períodos de turbulência política, social e polarização ideológica. Primeiramente se analisará a disseminação das notícias falsas em redes sociais no âmbito nacional. Por meio dos memes espalhados através de um aplicativo *WhatsApp*, que modificaram a política brasileira e interferiu no resultado eleitoral. Como fontes para embasar a pesquisa, serão utilizados os memes divulgados pela referida mídia digital, cujo conjunto de imagens já se encontra armazenado em um banco de dados por nós construído. Teoricamente, a pesquisa será fundamentada a partir de leituras de autores que trabalham na linha da História Política com ênfase na linguagem do humor, da sátira e da zombaria. Entre esses, podemos citar: Élio Flores e Elias Thomé Saliba. Para interpretar os textos iconográficos se faz necessário uma leitura do contexto histórico do tempo presente, para isso, utilizaremos referências bibliográficas como *A Elite do Atraso* (Jessé de Souza) e André Singer (*Os Sentidos do Lulismo*).

Palavras-chave: Política; Mídia digital; *Fake News*.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, com o avanço da informatização e o tecnológico, e à necessidade de manter-se sempre atualizado, aumentou de maneira significativa a quantidade informações geradas e disponíveis, assim como, a velocidade como que elas

se propagam. Conforme Carvalho e Mateus (2018), as mídias digitais, incluídas nestas a redes sociais, tais como o Twitter e Whatsapp, favorecem essa geração e propagação de inúmeras informações. Entretanto, devido a velocidade com que os fatos são gerados e compartilhados, aliados a falta de tempo para verificar sua veracidade, surgem novos fenômenos como o da “desinformação” e da “Fake News”.

O termo recente Fake News nada mais são notícias falsas, embora em alguns casos têm aparência de informações verdadeiras são criadas com o intuito de prejudicar algum indivíduo ou grupo. Para Carvalho e Kanffer (2018), muitas Fake News, disseminadas pela Internet, correspondem a uma “imprensa marrom”, ou seja, um veículo de conteúdos falsos com o propósito de obter vantagens financeiras, políticas ou eleitorais.

As notícias falsas sempre existiram, mas devido a velocidade com que as informações são geradas e disseminadas, as notícias falsas, por vezes, acabam chegando primeiro aos receptores (PORCELLO; BRITES, 2018). No Brasil, as Fake News ganharam notoriedade principalmente nas eleições de 2018, e segundo Carvalho e Kanffer (2018), essas práticas podem ter impacto no processo eleitoral de um país.

Neste contexto, este artigo tem por base analisar a utilização da Fake News como um instrumento, emanado de algumas organizações, analisando mais especificamente, o grupo intitulado Movimento Brasil Livre (MBL), o qual se apropriou desse mecanismo para se promover politicamente nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil, com o intuito de ridicularizar, e tornar a público informações falsas sobre o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Fernando Haddad. Adicionalmente, este detecta a importância da realização de mais estudos científicos sobre a elucidação desta temática, já que o assunto é tão atual, no sentido de ilustrar a velocidade com que as informações circulam entre os indivíduos na sociedade e quais efeitos elas reproduzem.

O BRASIL NO INÍCIO SÉCULO XXI

Em 2002 iniciou-se o governo do (PT) sobre a chefia de Luiz Inácio Lula da Silva, que por sua vez agora como presidente do Brasil teria alguns desafios a enfrentar, como a superação da radicalização da pobreza, principalmente no Norte e Nordeste, regiões antes relegadas que agora viram nos discursos petistas a esperança de “mudanças”, para

tanto, logo apareceram alguns programas como “Bolsa Família” “Cotas para Ingressos nas Universidades” por exemplo, como demais programas que alavancaram a economia dessas regiões.

Com o cenário favorável, Lula reelege-se para mais quatro anos de governo, a partir de 2006. Nesse período, houve a continuidade dos programas propostos no primeiro período de governo; já no segundo período os investimentos públicos foi a preocupação principal. Portos, usinas energéticas e infraestruturas urbanas obtiveram grandes investimentos, ocasionados pelo Plano de Aceleração do Crescimento (PAC). Dessa forma, a estabilidade e o crescimento fizeram com que Lula fosse aceito pelo empresariado brasileiro.

Quanto à sucessora de Lula, Dilma Rousseff, houve medidas tomadas pelo país que buscaram acelerar a sua condição como potência mundial. A realização do Campeonato Mundial de Futebol, em 2014, e a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, em 2016, são alguns exemplos. Por outro lado, a partir da crise de 2008, que se iniciou nos Estados Unidos e que se fez refletir mais precisamente em 2013 no Brasil, houve a desaceleração na economia. A chefe do governo, então, toma uma medida de risco: rompe com a elite econômica. Para ela, as taxas de juros poderiam gerar empregos, e aumento de produtividade.

A elite, a mais prejudicada, via seus investimentos seriamente comprometidos. A única força social capaz de opor alguma resistência à elite econômica, e às classes dominantes era um governo mais distributivo. Logo no início do seu governo, Dilma enfrenta dificuldades; isso devido à falta de compromisso programático, identificação ideológica e fragmentação da base composta por partidos fisiológicos. Segundo André Singer (2012), as medidas implantadas pelos governos do PT sempre se pautaram por um reformismo fraco, tendo como base um modelo de transformação lenta e dentro da ordem; por meio de mudanças pífias e sem rupturas.

Diante desse contexto, já não obstante a insatisfação da classe dominante sobre o governo, os veículos de comunicações controlados por uma elite brasileira começaram a disseminar notícias de suspeitas de fraude durante o governo do Partido dos Trabalhadores, observa-se que objetivo de manobra das mídias era alcançar o senso comum, onde acarretaria numa desordem e mobilização social. Segundo Souza:

Por conta disso, quem controla a produção das ideias dominantes controla o mundo. Por conta disso também, as ideias dominantes são sempre produto das elites dominantes. E necessário, para quem domina e quer continuar dominando, se apropriar da produção de ideias para interpretar e justificar tudo o que acontece no mundo de acordo com seus interesses. (SOUZA, 2017, p. 25).

Vejamos que Jessé Souza articula a massa de veículos de comunicação como um dos instrumentos básicos empregados na disputa entre a classe dominante dirigente de uma sociedade, que também no entendimento dela seria um aspecto inevitável de toda luta política consiste em mobilizar, e estimular preconceitos/ressentimentos. Ele avaliou que a democracia estaria em perigo caso a eles assumisse modos, comportamentos antidemocráticos, e se a mesma estimulasse a barbárie e atos violentos.

“MOVIMENTOS DO CONTRA”: O SURGIMENTO DO MBL

O Movimento Brasil Livre (MBL), cujos integrantes são, na maioria, jovens, foi oficializado em novembro de 2014, logo após o fim do segundo turno das eleições presidenciais no Brasil. O grupo, além de compartilhar um discurso “antipetista”, pedia o fim da corrupção e da impunidade; uma vez que defendia uma imprensa livre e independente; liberdade econômica; mercado aberto; separação dos poderes; eleições livres; o fim dos subsídios diretos e indiretos. Outro aspecto diz respeito à visibilidade durante os movimentos de protestos à direita de 2015 e 2016. O Movimento Brasil Livre utilizou espaço virtual, de onde os protestos foram agendados, e ideias do grupo divulgadas. Logo, foram utilizadas como base de coleta para a pesquisa as redes sociais do grupo, em especial as imagens que publicaram em seu próprio site.

Tendo em vista o exposto, o MBL foi um dos principais grupos responsáveis para as mobilizações pelo impeachment de Dilma Rousseff. Não havia como dar um golpe

sem mobilizações de massa. Os partidos políticos da direita tradicional não tinham prestígio nem entre seus eleitores para protagonizar aquele processo, e não daria certo se não parecesse para as pessoas que saíram às ruas como algo espontâneo. Então, as classes dominantes constituídas por empresários que pensam a política no Brasil reuniram um grupo de jovens liberais com algum preparo, lhes deram estrutura, dinheiro e visibilidades em veículos de imprensa. Assim se produziu um “movimento”.

A princípio, diante da crise econômica que se abatia no Brasil, bastava o anti-petismo e jargões empresariais do senso comum para consolidar um discurso convincente. Após o golpe, passaram a ajudar o Temer a governar. Adotaram um discurso ultra-liberal para justificar o desmonte do Estado brasileiro, e a redução de direitos dos trabalhadores. Ao mesmo tempo, para lhes garantir audiência, assumiram uma agenda ultra-conservadora, enfrentando estudantes ocupados, assumindo a campanha pela censura nas escolas e, mais recentemente, nos museus. Passaram, portanto, a se comportar como um pequeno grupo que vive do conflito, para lhes garantir holofotes, e uma conexão com o conservadorismo religioso.

Não há no MBL a organização da aspiração de uma parcela da juventude que almeja qualquer futuro melhor. Eles carregam apenas uma pauta destrutiva daquilo imposto pelo medo cego proveniente da ignorância. É um movimento que não tem movimento. Há outras razões que foram consideradas quando da realização desta pesquisa. A primeira razão reside no fato de que há uma perspectiva que poucos conseguiram captar: as organizações de direita, dentre elas o Movimento Brasil Livre, se instalam em meio a contextos políticos conturbados, dando suporte ao sentimento de ódio gerido principalmente pela classe média. No Brasil, isso é ainda mais sentido entre as classes mais favorecidas, já que aqueles que as integram sentiram-se como “indivíduos desprovidos de seus direitos” desde a ascensão do Partido dos Trabalhadores ao comando do país. Note-se, por fim que a reação das camadas médias às inflexões em curso, mesmo

que o espírito que as preside seja moderado e conciliador, reflete a brisa da mudança. Segundo Singer:

A polarização que ocorre na sociedade é sintoma de movimento nas estruturas. O subproletariado se afirma no suporte a Lula e ao Partido dos Trabalhadores (PT), na expectativa de que se cumpra o programa de inclusão, enquanto a classe média se unifica em torno do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), na procura de restaurar o *status quo ante*, mesmo que isso não possa ser dito com todas as letras. (SINGER, 2012, p. 25).

Muitos consideram que a juventude é o retrato da mudança, da renovação. Essa concepção, por vezes errônea, pode mascarar outra atitude: aquela atrelada ao conservadorismo, ao autoritarismo ou mesmo à defesa da não emancipação do indivíduo. Com cerca de quinhentas lideranças e presença em onze estados, pode-se dizer que o Movimento Brasil Livre se consolidou como um dos principais impulsores das manifestações de protestos de 2015 e 2016 contra o (PT). Ele engrossou o coro reacionário e de inspiração fascista. Essa revolta pode ser descrita como um instrumento utilizado por determinadas camadas da extrema-direita em tempos de crise, como a de cunho econômico ou hegemônico.

Ademais, é tida como fonte mobilizadora das massas. É por meio dos discursos longos que os integrantes da organização convencem as pessoas a atuarem de modo adequado e, de acordo com a situação, a mudarem de atitude e de opinião. Os membros do MBL esperam que os jovens escutem seus discursos; por isso, a oratória é para ser ouvida e assimilada. Essa atuação pôde ser comprovada por meio de vídeos postados nas redes sociais (*Facebook e Instragram*) do grupo, os integrantes, exigem dos jovens ativistas atuações em diversos moldes. Cobram atitudes e posturas condizentes com o pensamento neoliberal.

E por dominarem a linguagem da internet, os membros do MBL assumiram papéis como representantes da organização em protestos. Nesse espaço, houve ainda a desaprovação quanto ao desempenho do governo, além da disseminação intensa acerca do tema “corrupção”. Para os integrantes, os atos organizados pelo grupo foram os

maiores da história, uma vez que catalisaram a fúria daqueles que não permitem a retórica de um criminoso. Para negar essa vertente de “bons mocinhos da ética e moral” que tecem seus princípios contra a corrupção. Souza afirma que:

Quando as classes médias indignadas saíram às ruas a partir de junho de 2013, não foi, certamente, pela corrupção do PT, já que os revoltosos ficaram em casa quando a corrupção dos outros partidos veio à tona. Por que a corrupção do PT provocou tanto ódio e a corrupção de outros partidos é encarada com tanta naturalidade? É que o ódio ao PT, na realidade, foi o ódio devotado ao único partido que diminuiu as distâncias sócias entre as classes no Brasil moderno. (SOUZA, 2017, p. 67).

O MBL faz parte de determinado segmento de classe que sintetizou o estigma do estrangeiro bárbaro. Esse, para o grupo, “tomou” empregos e “deturpou” a cultura. Os integrantes utilizam meios para impor a crença em suas superioridades, e ainda tentam pregar a ideologia pretensamente politizada utilizando-se até mesmo de mecanismo falsos para manter a “ordem e decência”; contudo o que querem mesmo é disseminar o ódio e as frustrações pessoais.

O ÓDIO AO PARTIDO DOS TRABALHADORES

As sociedades modernas veem enfrentando, nos últimos anos, inúmeros problemas advindos do avanço da técnica e das tecnologias da informação, arrasando a “verdade”, ou aquilo que consideramos como tal, em uma onda de subjetividade e interesses. E nesse cenário que surgem informações falsas, que através dos meios de comunicação (celulares, especialmente), tem sido massificada. As *Fake News*, como ficaram conhecidas internacionalmente, são especificamente informações falsas produzidas para atender determinados interesses de seu criador. O que corresponde a um sério problema para as sociedades imersas na modernidade, que não conseguem lidar com a pós-verdade dos meios de comunicação, o que ocasiona riscos a integridade da estrutura política atual. Um exemplo seriam as eleições norte-americanas de 2016, onde informações falsas que procuram denegrir a imagem da candidata democrata, Hillary Clinton, começaram a aparecer nos veículos de comunicação, neste caso, especialmente

a televisão, o que favoreceu o candidato republicano Donald Trump que venceu as eleições. Segundo Porcello e Brites (2018):

A mentira sempre chega mais rápido e avança com maior velocidade do que a verdade e o combustível que impulsiona a agilidade com que ela se espalha é a curiosidade do público para o que foge do habitual, ou que seja bizarro, esquisito, excêntrico, incomum. E como nós deciframos as imagens muito mais rapidamente do que os textos escritos ou falados, a televisão, em qualquer plataforma ou suporte, é o ambiente ideal para que a mentira se alastre. (PORCELLO; BRITES, 2018, p. 9)

Contudo, a tática da desinformação é bastante antiga no Brasil, principalmente na durante o período eleitoral. Nas eleições presidências de 1989, a emissora de televisão, Rede Globo, utiliza-se de cortes na transmissão do debate dos presidentiáveis, Collor de Mello e Luís Inácio Lula da Silva, para favorecer o primeiro, e denegrir a imagem do segundo; o que proporcionou a vitória de Collor. Com os recentes avanços tecnológicos a televisão tem perdido espaço para as novas formas de comunicação, as redes sociais, que podem ser acessadas pelo computador ou celular. As redes sociais proporcionaram a interação de uma enorme massa de pessoas, o que facilitou a troca de informações, e modificações nos relacionamentos interpessoais. A facilidade na troca de informações, e a capacidade de interação com muitas pessoas permitiu que surgissem indivíduos que se utilizam das técnicas e tecnologias, para produzir informações irreais e falsas em benefício próprio.

No Brasil, a utilização de *Fake News* tornou-se um problema crônico na sociedade, especialmente nas eleições de 2018, onde pessoas descontentes com os rumos políticos do país se utilizaram de informações falaciosas, para denegrir o candidato da Fernando Haddad do Partido dos Trabalhadores, e o próprio partido. A confusão tem início quando evidenciasse uma campanha difamatória do PT, organizada por movimentos sociais, como o MBL, e membros de partidos opositoristas, que procuravam se aproveitar dos recentes escândalos de corrupção envolvendo o alto escalão

do partido e o ex-presidente Lula. Tais como supostas contas bancárias no exterior, associação com ditaduras, projetos de sexualização de crianças, e por fim, pactos como o demônio; começaram a inundar os celulares e as mentes dos brasileiros.



Figura 1º: Postagem realizada pelo MBL em suas redes sociais afirmando a existência de um Seminário LGBT infantil. (Acervo dos Autores)

Imagens como está (que localizada na parte superior da página) começaram a ser compartilhadas nos aplicativos de comunicação, como Whatsapp e Instagram, visando construir a imagem de que o PT durante sua estada no governo havia articulado a realização de um evento, de cunho LGBT, para crianças. Quando na verdade o Seminário LGBT iria discutir a infância, e a sexualidade de forma a produzir um debate, entorna na violência sexual durante a infância, e a necessidade de ensinar e promover o respeito á diversidade sexual.

A afirmação errônea de que ocorreria um “Seminário LGBT infantil” foi utilizada pelo MBL e outros movimentos, assim como pelo candidato Jair Messias Bolsonaro (Partido Social Liberal), para afirmar que o PT desejava destruir os “valores da família tradicional brasileira” e “homossexualizar as crianças”. Neste rol de afirmações estúpidas surgiu o celebre “Projeto da Mamadeira de Piroca”, onde o governo petista estaria articulando a distribuição de mamadeiras em formatos de pênis, que seriam distribuídas as crianças. Imagens falsas representando o projeto eram repassadas diariamente na rede, ganharam ainda mais notoriedade após serem defendidas publicamente pelo candidato a presidente pelo PSL. Em outra imagem vemos a nítida associação da candidatura de Fernando Haddad do PT á falsidade e dissimulação:

AQUELAS MARÇAS QUE VOCÊ SABE QUE SÃO FALSAS.



Figura 2º: Postagem realizada pelo MBL em suas redes sociais associando o PT a marcas falsas. (Acervo dos Autores)

Em paralelo a produção de *Fake News* ocorreu também a produção de charges, que são instrumentos importantíssimos de crítica à realidade, através do humor e da ironia. Pois as charges satirizam com aspectos obscuros da sociedade, geralmente aspectos e fatos que está procura esconder ou esquecer. O Brasil possui uma grande produção de charges políticas, dos mais diversos períodos, do Império à República, nossa história está permeada de fatos e políticas que foram satirizadas e ridicularizadas em charges pelas mãos de excepcionais chargistas e caricaturistas; como Laison, Fred, Carlos Eduardo Novaes, Jayme Leão, e Millôr Fernandes, e clássicos como Théo e Barão do Itararé. O historiador Elio Chaves Flores (2015) melhor expõe a função da charge:

Com efeito, repetir que cronistas e caricaturistas, enquanto fazedores do riso com coisa séria, a política, castigam os costumes e denunciam os vícios e artimanhas, especialmente dos homens públicos, seria exatamente tentar provar o que já se considera óbvio. Se ninguém ri das mesmas coisas tempo todo, e se, em cada tempo e cultura o sentido do risível não seria o mesmo, porque produzido historicamente, haveria, pois, a necessidade de perscrutar as motivações e as relações subjacentes que permeiam uma determinada cultura e dos narradores que a representam através das tropologias do cômico, especialmente o humor, a sátira e a ironia. (FLORES, 2015, p.15)

Sobre as charges um caso emblemático se deu durante a campanha de 2018, período no qual ocorreu a explosão do movimento #Elenão, contra a onda machista e conservadora encabeçada pelo do candidato a presidente do PSL. O movimento rapidamente se espalhou, graças às redes sociais, que permitiram o contato de inúmeras pessoas, e a realização de passeatas pelo país. Contudo, o movimento foi alvo de postagens discriminatórias e agressivas, e algumas associando o movimento ao PT, foram produzidas pelo MBL, incluindo, neste caso as charges.



Figura 3º: Postagem realizada pelo MBL em suas redes sociais associando o Movimento #Elenão ao PT. (Acervo dos Autores).

As eleições de 2018 não foram definidas pelo confronto de ideias e projetos de nação dos partidos em disputa, mas sim pela capacidade que os partidos tinham de se promover nas redes sociais, e difamar seus adversários. Isso ficou claro e evidente no segundo turno das eleições, quando os candidatos Fernando Haddad (PT) e Jair Messias Bolsonaro (PSL) não se enfrentaram nos debates organizados pelas emissoras de televisão. Isso se deveu a uma estratégia difamatória durante a campanha, onde o candidato do PSL, após ser atacado durante um comício, utiliza-se do evento para promover o sentimento de compaixão nos eleitores, em paralelo, com a divulgação de informações falsas de que o agressor estaria a mando da oposição começaram a circular, aumentando o sentimento anti-petista que vinha se gestando na sociedade. Durante a reta final da campanha um escândalo de “caixa 2” associava o candidato do PSL a empresas privadas que estariam pagando milhões pela distribuição de pacotes de mensagens contra o PT pelo aplicativo Whatsapp; contudo o caso foi praticamente arquivado pela Polícia federal e pela mídia. Esses eventos constituem alguns dos fatores que resultaram na vitória de Jair Messias Bolsonaro para presidente do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as redes sociais constituem um instrumento de integração e ócio, contudo, a expansão das *Fake News* se constitui como uma ameaça à sociedade, pois indivíduos mal-intencionados têm utilizado as redes sociais para propagar concepções errôneas e distorcidas dos fatos em benefício próprio, ou de terceiros que realizam o financiamento dessas ações. A campanha de 2018 foi atípica para a política brasileira, pois era notável a existência de um vácuo de poder deixado pela desarticulação do PT. A ascensão de Jair Messias Bolsonaro (PSL), no cenário político nacional, deve-se em grande parte ao sentimento anti-petista provocado pelos escândalos de corrupção, conjuntamente com *Fake News* criadas pelo candidato com o apoio do MBL, tais como o Kit Gay, a Mamadeira de Piroca, supostas perseguições, associação do PT aos comunistas e um projeto de dominação global, entre outras “fantasias”. Suposições infundadas, mas que adentraram na mentalidade brasileira, proporcionando o que se mostra nos últimos oito meses um erro de proporções catastróficas, e em alguns casos irreversíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARVALHO, Gustavo Arthur Coelho Lobo de; KANFFER, Gustavo Guilherme Bezerra. O Tratamento Jurídico das Notícias Falsas (fake news). Consultor Jurídico, São Paulo, 1-17, 2018. Disponível em: < <https://www.conjur.com.br/dl/tratamento-juridico-noticias-falsas.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

CARVALHO, Mariana Freitas Caniello de; MATEUS, Cristielle Andrade. Fake news e desinformação no meio digital: análise da produção científica sobre o tema na área de ciência da informação. V Encontro Regional dos Estudantes de Biblioteconomia, Documentação, Gestão e Ciência da Informação, Belo Horizonte –MG, 2018.

FLORES, Elio Chaves. República às avessas: narradores do cômico, cultura política e coisa pública no Brasil contemporâneo (1993-1930). Elio Chaves Flores. – João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

SALIBA, Elias Thomé. História Cultural do Humor: Balanço Provisório e Perspectivas de Pesquisa. Revista de História (14/11/2017), nº 176. São Paulo: USP, 2017. Disponível: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/127332>>. Acesso: 04/05/2019.

SINGER, André. Os sentidos do lulismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jessé. A Elite do Atraso: da Escravidão á Lava Jata. São Paulo: LEYA, 2017.

_____. A Subcidadania Brasileira. São Paulo: LEYA, 2018.

_____; VALIM, Rafael; et al. Resgatar o Brasil. Jessé Souza; Rafael Valim (coords.) – São Paulo: Editora Contracorrente/Boitempo, 2018.

PORCELLO, Flávio; BRITES; Francielly. Verdade x Mentira: A ameaça das fake news nas eleições de 2018 no Brasil. 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Joinville – SC, 2018. Disponível no site: <<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0364-1.pdf>>. Acesso: maio de 2019